



### A CATHEDRAL DE LICIFIELD

A cidade de Lichfield acha-se mencionada, authenticamente, na historia da igreja, por Bède, que a cita como sede de uma diocese Anglo-Saxonia. A etymologia do seu nome de origem saxonia, tem dado lugar a muitas discussões.

Querem alguns que se derive de *Leccian*, que quer dizer agua, por causa dos lagos que a rodeiam; mas, a opinião mais vulgar liga-se a *Lic*, que significa corpo privado de vida. Este sentido appoia-se na tradiçào, que mil martyres regaram com o seu sangue os campos de Lichfield em 303, sob Diocleciano, sendo Maximiano governador da Bretanha.

C. M. I.  
GABINETE  
DE ENLUTADOS  
OLISIPONENSES

É certo que Lichfield e Coventry estavam comprehendidos no reino de Mercia, que foi conquistado por Oswy, e convertido por elle á fé christã; nomeou-se, em 636, o primeiro bispo de Lichfield e Ceudda ou Chud, foi o terceiro em 667. Bede, diz d'este ultimo: «que edificou, com suas proprias mãos, um retiro pouco afastado da igreja, onde tinha por costume ir ler e resar, com um pequeno numero de seus irmãos, quando os deveres do seu ministerio lhe deixavam alguns instantes de liberdade.»

O concilio de Londres reunido em 1075, transferiu a sede de Lichfield para Chester, onde esteve até 1342. Durante este periodo, os bispos estabeleceram a sua residencia entre estas duas cidades. Diz-se, que um d'elles, Roger de Clinton, em 1128, reedificou a cathedral. Walter de Langton, em 1295, é tambem citado como um dos bemfeitores da cidade; deve-se-lhe a construcção de muitas ruas, o magnifico relicario de Saint Chud e o palacio episcopal.

A cathedral foi devastada no reinado de Henrique VIII e confiscadas todas as preciosidades que continha, á excepção do relicario, que foi salvo a muitos rogos do bispo Rowland.

A historia de Lichfield, nenhum interesse offerece até ás gueltas civis. Em 1642, teve tres cercos, durante os quaes a cathedral soffreu muito; e no anno seguinte fizeram-se grandes preparativos de defeza, para resistir a Lord Brooke, que avançava, para tomar a cidadella, á frente de tres mil homens. Era um inimigo zeloso do episcopado e que estava decidido a destruir a cathedral. Quando entrou na cidade, dizem, que rogara aos céos que o castigassem, se a sua causa fosse injusta; poucos minutos depois caiu morto por duas ballas: o tiro partira da mão de um surdo-mudo da nobre familia Dyolt, que do alto da igreja observava os movimentos do inimigo. A arma existe nos archivos da familia Dyolt, e a armadura de Lord Brooke está no castello de Warwick. Apesar da perda do seu chefe os rebeldes continuaram o cerco e a guarnição foi obrigada a ceder ás tropas do parlamento. Era a primeira cathedral que caía em seu poder; devastaram-n'a com um vandalismo incrível, e alli se commetteram as maiores profanações.

No mesmo anno, 1643, o principe Rupert retomou a cidadella, nomeando por governador o coronel Bagot, que recebeu n'ella Carlos I, depois da batalha de Haseby, 1645; porém, alguns mezes depois, recaiu nas mãos dos rebeldes, e as suas muralhas foram arrasadas. Em 1651, o parlamento mandou tirar todo o chumbo que cobria a igreja, e fundir os sinos.

O serviço divino foi, durante alguns annos, celebrado na casa do capitulo; e quando John Hacket foi nomeado bispo, a cathedral não era mais que um montão de ruinas; mas o zelo e actividade d'este varão venceram todos os obstaculos. Possuia esta ultima qualidade em tão subido grau, que, no mesmo dia da sua chegada a Lichfield, mandou começar o desentulho, prestando para isso os seus

creados e cavallos. No curto espaço de oito annos, conseguiu apagar todos os vestigios de devastação e a igreja começou a funcionar de novo em 1669.

Ainda que a cathedral de Lichfield não possa rivalisar, nem em grandeza, nem em magnificencia com a de York, e algumas outras, ella não cede, comtudo, a nenhuma, pelo que respeita a elegancia; a sua architectura ligeira é objecto de grande admiração. O edificio tem a fórma de cruz; a parte principal comprehende a nave, a igreja, o côro e a capella de Nossa Senhora. O seu maior comprimento é de 403 pés e a largura de 177. A principal fachada é para o lado do occidente, e está coroada por duas torres pyramidaes, havendo outra, do mesmo feitio, que se eleva no centro do edificio. As duas primeiras torres tem 192 pés de altura, cada uma; e a ultima 252.

A igreja contem um numero consideravel de tumulos, interessantes uns por sua antiguidade e outros pelos personagens que encerram. Os mais notaveis são: o doutor Johnson, lady Worthley Montagne, a quem a humanidade deve os beneficios da inoculação, e David Garrick. Entre os monumentos, que ornam o interior, admira-se, o do bispo Hacket; representa-o deitado, e lê-se ao lado esta inscripção: «Não deixarei fechar meus olhos sem ter achado, um logar para o templo do Senhor.»

## RÂ-PULANTE

### I

Confesso, que nunca encontrei pessoa alguma com tanta propensão para a facécia, como esse rei, bravo e intelligente, cujo ultimo episodio da vida vou narrar. Era um ente que só vivia para a comedia; o seu principal elemento era o riso. Quem soubesse contar, com todos os-SS.-e-RR. uma historia no genero chocarreiro, possuia, certo, todos os dons e dotes para ser recebido, distinctamente, na côrte e ganhar a estima do monarcha exemplar. Por isto é facil imaginar como deviam de ser os sete ministros d'aquella nação: os homens de mais pilheria que tem vindo ao mundo; inexciveis na sublime linguagem do—ha! ha! ha!—expressão equivalente á palavra portugueza—gargalhada—e inimitaveis na narração de contos facetos, e no canto do dôce lundu choradinho, que então se usava com todos os requiebros. Realmente, eram sete varões impagaveis; e, o que é mais para admirar, parecia que todos tinham sido feitos pelo molde real—corpolencia, obesidade, olhos, nariz, bocca, desmesurado appetite, grande queda para o entremez, tudo isto n'elles realçava em tão subido grau, como no seu querido rei.

Que os individuos engordem com a farça, ou que na gordura haja alguma cousa que predisponha para o entremez, é uma questão que nunca pude decidir; mas, o certo é, que um galhofeiro magro, pode, perfeitamente, considerar-se *rara avis in terris*.

Livros, fossem elles de que natureza fossem, discursos parlamentares, prelecções scientificas, poesias cheias de sentimento e amor, dramas, tragedias, as proprias comedias-dramas, enfim, todas essas produções que os da actualidade consideram filhas do talento e de um trabalho assiduo, eram, para o intelligente, erudito e magnanimo rei, cousas de nenhum valor; denominava-as, já se vê, para fazer espirito (permittam-me o gallicismo)—monumentos eternos da ignorancia e insensatez da humanidade. As maneiras civis incommodavam-n'o. Em resumo, o bom do rei preferiria o *Gargantua* de Rabelais ao *Zadig* de Voltaire, e acima de tudo, as *bufonarias* em acção causavam-lhe mais prazer, do que as subtilizas na palavra.

Na epocha em que passa esta interessante historia, ainda os bobos de profissão não tinham sido, completamente, banidos da cõrte. Algumas das grandes potencias continentaes ainda conservavam os seus loucos; eram infelizes, vestidos á maneira de arlequin, tendo, por gorras, bonnès guarnecidos de campainhas, e que deviam de estar sempre preparados para empregar, á letra, ditos subtis e graciosos, em troca das migalhas que caíam da meza real. Hoje, felizmente, já não se presenciam d'estas miserias na cõrte. Tudo alli é serio, respeitavel e imponente; e assim convem; pois, o que hão de esperar, dos pequenos, os grandes de uma nação, que só comem, bebem, riem e folgam com os doudos?

O nosso rei, naturalmente, tinha o seu louco. E o facto é que elle sentia a necessidade de alguma cousa que tendesse para a bobice,—quando mais não fosse, para contrabalançar a pesada sabedoria dos sete illustres varões seus ministros,—(para não fallar do rei.)

É, porém, muito de notar, que o louco, o bobo de profissão, que vou apresentar ao leitor, não era sómente um louco; tinha para o rei um valor triplice; pois era, conjunctamente, anão e coxo.

N'aquelle tempo, eram tão communs na cõrte os anões, como os coxos; e muitos monarchas teriam sem duvida achado o tempo difficil de passar—o tempo é mais longo na cõrte do que em outra qualquer parte—sem um bobo para os fazer rir, e um anão para rir d'elles. Mas, como já tenho observado por varias vezes, todos estes bobos, em noventa e nove casos contra cem, são gordos, redondos e maciços, de sorte, que era para o nosso rei um grande motivo de orgulho o possuir em Rã-Pulante—assim se chamava o louco—um triplo thesouro em um só individuo.

Julgo que o nome de Rã-Pulante não era o do baptismo, mas que lhe havia sido conferido por voto unanime dos sete ministros, em consequencia de não poder andar como os outros homens. Effectivamente, Rã-Pulante, não se podia mover senão com uma especie de passo *interjeccional*, uma cousa entre o salto e o torcicollo, um certo movimento que era para o rei um perpetuo regosijo e, naturalmente, um goso; porque, não obstante a proeminencia do ventre e a intumescen-

cia constitucional da cabeça, o rei passava aos olhos de toda a cõrte por um bello homem, amante de toda a sorte de divertimentos.

Mas, se bem que, Rã-Pulante, graças á sinuosidade das suas pernas, não se pudesse mover senão a muito custo, já no caminho, já em um estrado, a prodigiosa potencia muscular com que a natureza lhe dotou os braços, como que para compensar a imperfeição dos membros inferiores, tornava-o apto para executar muitos rasgos de admiravel destreza, quando se tratava de arvores, cordas, mastros ou outra qualquer cousa aonde se pudesse marinhar. N'estes exercicios, mais parecia uma harda ou um macaquinho, do que uma rã.

Não posso dizer, precisamente, de que paiz era oriundo Rã-Pulante. Parece-me, todavia, que vinha de alguma região barbara desconhecida, a uma grande distancia, já se vê, da cõrte do nosso rei.

Rã-Pulante, e uma rapariguinha pouco menos anã do que elle, mas, admiravelmente bem proporcionada, e excellente dançarina, tinham sido roubados de suas casas, e enviados de presente ao rei por um dos seus famosos generaes sempre favorecidos da victoria.

Em taes circumstancias, não era para causar admiração que entre estes dous pequenos captivos se estabelecesse uma grande intimidade. E, realmente, dentro em curto espaço de tempo, eram dous verdadeiros amigos. Rã-Pulante, embora empregasse todos os exforços, nunca poude tornar-se popular, e por consequencia prestar grandes serviços a Castanheta; esta porém, pela muita graça de que era dotada, e pela exquisita belleza, de anã, era geralmente admirada e respeitada; tendo, pois, grande influencia nos espiritos, aproveitava-a, sempre que podia, em favor do seu amigo, Rã-Pulante.

Em uma occasião solemne, não me recordo quando foi, o rei resolveu dar um baile de mascaradas; e, todas as vezes que na cõrte tinha lugar uma mascarada, ou outra qualquer festa d'este genero, os talentos de Rã-Pulante e Castanheta eram sempre requisitados. Rã-Pulante, particularmente, era tão inventivo em materia de decorações, novos typos e disfarces para os bailes de mascaradas, que, sem a sua opinião cousa alguma se podia fazer.

A noite designada para a funcção chegara. Uma sala esplendida tinha sido preparada, sob as vistas de Castanheta, com grande artificio.

Toda a cõrte anciava pelo momento da festa. Quanto aos trajos e papeis, cada qual escolheu como lhe aprouve; e muitos dos convidados determinaram as cousas, com uma semana, ou mesmo um mez de antecedencia, para não se verem depois a braços com difficuldades. Em summa, não havia incerteza, nem indecisão de parte alguma—só o rei e os seus ministros hesitavam. Porque hesitavam elles? não posso dizel-o. Mas, provavelmente, pela grande difficuldade de obter uma idéa; porque eram muito gordos!

Fosse qual fosse o motivo, o tempo fugia, e, como ultimo recurso, mandaram chamar os dous anões.

*Continua*

## CARTA

Do sr. A. F. de Castilho ao sr. Innocencio Francisco da Silva.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr., e meu querido confrade:—Muito devemos nós a essa gente de malta que ali appareceu na feira litteraria com as arquetas abarrotadas de filosofias, de sciencias, de cosmogonias, de theologias, de profecias, de versos a olho em lugar de metros, de logicas escangalhadas, e de linguagem sem grammatica! Devemos-lhe realmente muito! Se não foram elles com os seus pregões tão altos, e o sequito que levam de gaiatos embellecados naquellas louçainhas, o mercado dos generos são e fazendas de lei, já pouca attenção chamava; e era pena, por não ser pequeno o prejuizo que havia de resultar d'essa estagnação, se ella fosse por diante.

Vivam pois os belfurinhos e o rapazio! Foi a Providencia quem os cá mandou; ella bem sabe quando e onde as coisas são precisas.

Já ouvi a um fazendeiro do Algarve, que, se não fóra certo bichinho que dá no figo, a fruta amuava, impedernia-se em lugar de amadurecer, e adeus uma das maiores riquezas d'aquella formosa provincia!

Vivam pois, e medrem, se puderem, tanto os insectos dos figueirases, como os transcendentales da litteratura; e viva Deus que fez para bem toda essa bicharia!

V. Ex.<sup>a</sup>, meu querido confrade, tinha despendido, quasi em vão, annos largos d'amor, de zelo, de claro entendimento e de conselho optimo, em prol das boas lettras e da razão: tinha chegado a levantar, sósinho, um monumento ás lettras patrias, d'aquelles a que só se aventurava uma corporação de beneditinos; e apesar da merecida e reconhecida autoridade da pessoa, e do côro geral de louvores prestados á obra, os effeitos practicos, ou não appareciam, ou eram escassissimos.

A Providencia, que tambem deve governar nas coisas intellectuaes, abençoára á nascença o seu trabalho—como agora se está vendo: faltava que a inveja e a ignorancia viessem confirmar com as suas negações as verdades confessadas pela gente de saber e probidade. Vieram. Deixe cair chuva e neve sobre a sementeira; melhor ceara nos espera. É rifão velho de lavradores; até já Virgilio o sabia.

Não quero eu dizer com isto que descance V. Ex.<sup>a</sup> na sua fadiga. Depois de despontada a messe, ainda fica muito que fazer; o ceareiro entendido não pára nunca; no mesmo Virgilio o tenho;

Mil causas á lavoira ameaçam inda agravos;  
indical-as convém: damnam-lhe os patos bravos;  
damnam strymoneos groues; damna a raiz amarga  
dos almeirões, e damna a arvore que embarga  
ao sol passagem livre.

O pae, rei da natura,  
bem podia alhanar o tracto da cultura,  
mas não quiz: preferiu, porque o mortal se adestre,  
se estimule, se active, e o reino seu campestre  
não viesse a perder-se um dia ao desamparo,  
que o lavar fosse afan, e industria o seu preparo.

Boa doutrina! boa de lei, apesar de nos vir da Italia velha, e eu não a saber fraldar com uma duzia de citações de livros allemães cisadas da feira de Leipzig!

Note V. Ex.<sup>a</sup> o como vem frisando no nosso ponto os nomes d'aquellas pragas: os patos bravos! (Aqui não venha algum praguento fingindo cuidar que alludo ao nosso excellente confrade Bulhão Pato: esse assigna Pato e é cisne dos mais alvos e canoos; eu fallo só dos que, tendo-se em conta de cisnes, não passam de patos e patos bravos); os groues tambem para aqui acertam: as cabeças naquelles hybridos são d'isso; os almeirões deixemol-os; porém não já assim:

..... a arvore que embarga  
ao sol passagem livre.....

Estes esparaveis de quatro folhas que têm a presumpção de querer tapar o sol, e ensombrar a terra, é que são o peor inimigo; e nunca as mãos doam a V. Ex.<sup>a</sup>, que já tomou o machado para os deitar a baixo.

Este seu artigo com que se estreiou o novo *Panorama*, promette muito, e estou certo de que ainda ha de dar muito mais.

Pela boa doutrina que V. Ex.<sup>a</sup> vai espalhar pelos muitos leitores d'esta acreditadissima folha, e sobretudo pelo insigne favor com que a sua benevolencia abi me trata, devia eu a V. Ex.<sup>a</sup> mil agradecimentos. Aceite-m'os nesta carta, e creia nas veras com que me honro de assignar-me

De V. Ex.<sup>a</sup>

admirador, confrade, amigo e servo obrigadissimo

Lisboa 4 de Janeiro de 1866.

A. F. DE CASTILHO.

Queixava-se hum requerente a outro de que hum seu juiz, sendo pobre, gastava como rico; e, nomeando suas ostentações, rematava com dizer: Pois isto, senhor, de que sahe? E outro lhe respondia: Do que entra. Tornava o queixoso, e dizia: Senhor, não fizeram isso seus passados; e outro respondia: Não, senhor, mas fazem-no nossos presentes.

D. FRANCISCO MANOEL.

Casa limpa. Mesa aseada. Prato honesto. Servir quedo. Criados bons. Hum que os mande. Paga certa. Escravos poucos. Coche a ponto. Cavallo gordo. Prata muita, Ouro o menos. Joias que se não peçam. Dinheiro o que se possa. Alfaias todas. Pinturas as melhores. Livros alguns. Casas proprias. Quinta pequena. Missa em casa Esmola sempre. Poucos visinhos. Filhos sem mimo. Ordem em tudo. Mulher honrada. Marido christão; é boa vida, e boa morte.

D. FRANCISCO MANOEL.

## S. SEBASTIÃO

Se no mundo teem apparecido homens que, á sombra da frondosa e fructifera arvore do christianismo, hão commettido toda a sorte de crimes, invocando o santo nome do Redemptor da humanidade, cujo codigo é todo doçura, paz e o unico que ensina a verdadeira senda que conduz á felicidade eterna; se mesmo, de entre os que envergam as vestes sacerdotaes, cuja missão deve ser

unica e simplesmente, com bons exemplos e sãos conselhos, conduzir os povos e propagar as sabias doutrinas do martyr do Golgotha, alguns teem saído que, por seu procedimento altamente repreensivel, hão manchado essas vestes venerandas, só dignas de quem possui uma alma bastante elevada para poder encarar, indifferentemente, as ephemeras grandezas na terra e resistir ás paixões; outros muitos, que a historia nos aponta, se hão distinguido por suas virtudes, zêlo e infati-



gavel trabalho em, por meio de palavras repassadas de intimo sentimento religioso e rasgos, não fingidos, de verdadeira caridade evangelica, encaminhar para o aprisco as ovelhas extraviadas. S. Sebastião foi um d'estes.

Nascido em Narbona, cidade da provincia de Languedoc, e educado em Milão, donde era originaria sua familia, este heroe, que desde tenros annos mostrára sempre uma alma grandiosa e cego respeito pela religião do Crucificado, com a qual

o educaram seus pais, tendo completado a idade propria de poder começar a sua santa missão, foi constituido, pelo imperador Diocleciano, Capitão da primeira companhia das suas guardas, chamada Patriarcha.

Não era, certamente, o desejo de occupar uma posição brilhante na sociedade que o levou a aceitar semelhante cargo: a sua nobresa de caracter e magnanimidade de coração não lhe inspiravam taes sentimentos. Aceitou-o porque, devo-

tado christão, entendeu que, servindo o imperador, podia, mais facilmente, auxiliar os fieis, seus correligionarios, que principiavam a ceder ao rigor dos tormentos.

Seria superfluo enumerar os relevantes serviços que desde logo este martyr começou a prestar ao christianismo; assaz e de sobra os conhece todo o mundo. Diremos, apenas, que, depois de haver salvado das mãos dos polytheistas milhares de victimas, e de ter induzido muitos gentios a receberem o baptismo, foi accusado, por um desgraçado apostata, ao juiz Fabião, de ser prégador da lei de Christo e protector efficaz dos que a seguiam.

O juiz, ao receber a nova, apesar de lh'o pedir o coração, não o mandou prender, attendendo ao seu elevado cargo; mas correu a informar o imperador que, logo, expedindo ordens para que o accusado fosse conduzido á sua presença, o repreendeu asperamente, censurando-lhe a sua ingratitude, e fazendo-lhe ver que um tal procedimento podia chamar a ira dos deoses sobre todo o imperio. Ao que S. Sebastião respondeu: «O maior serviço que posso prestar-vos, senhor, é, obdecer aos preceitos do unico Deus verdadeiro e diligenciar que os outros me sigam o exemplo; porque, nada vos é mais conveniente e ao vosso estado, do que fieis vassallos que, desprezando os falsos deoses, façam, por vosso respeito, perennes votos ao Supremo Creador.»

Irritado, Diocleciano, por esta tão inesperada, quanto audaciosa resposta, ordenou que, immediatamente, sem forma de processo, o seu capitão fosse morto a tiros de frechas pelos proprios soldados da guarda imperial.

A sentença foi promptamente executada, e o santo deixado, por morto, no campo do martyrio. Mas, a devota Irene, viuva do martyr Castulo, passando no dia seguinte por aquelle logar e vendo ainda no mancebo signaes de vida, ajudada por alguns fieis, levou-o para sua casa, onde, sendo tratado com o maior disvelo, em pouco tempo se achou restabelecido.

Muito o instaram, então, para que se retirasse d'aquelles sitios; o santo, porém, não approvou a idéa; antes apresentando-se ao imperador, lhe disse: «É possível, senhor, que ainda continueis a dar ouvidos ás imposturas e calumnias com que vos vem todos os dias muitos dos vossos desleaes servidores para perseguirdes os christãos? Sabei, que estes, longe de serem inimigos do estado, são os vassallos mais fieis que tendes, e a elles, que em suas orações não cessam de pedir por vós ao Ente Supremo, deveis só attribuir todas as vossas prosperidades.

Attonito, o imperador, de ouvir fallar um homem que já julgava morto, exclamou:

«Es tu Sebastião, aquelle que ha poucos dias mandei matar a tiros de frechas?»

«Eu mesmo, respondeu o santo; foi o meu Deus que me quiz conservar a vida para na vossa presença, e na de todo este povo, dar um publico testemunho da injustiça e impiedade que commetteis, perseguindo os christãos, com tanto furor.»

Então, Diocleciano, em quem estas palavras

produziram o effeito do raio, mandou que, sem a minima demora, o santo, fosse levado ao circo, e, alli, a bastonadas, lhe tirassem a existencia; mas que o não abandonassem em quanto o não vissem soltar o ultimo suspiro.

Com effeito, d'aquelle grande supplicio passou o Santo a receber no ceu a coroa do martyrio, no dia 20 de Janeiro de 288, da era christã.

## OS PHILO-PORTUGUEZES.

POR INNOCENCIO F. DA SILVA.

### II

Daremos o segundo logar ao distincto historiadore, poeta e litterato Roberto Southey, nascido em Bristol, pelo anno de 1774, e fallecido em 1843. Deixando-se enthusiasmar de principio com todo o fogo proprio da mocidade pelas idéas democraticas inauguradas em França com a revolução de 1789, a ostentação apparatusa que d'ellas fez em um drama *Wat Tyler*, que parece haver sido a sua estreia theatral, attrahiu sobre elle o desfavor do governo, intimando-se-lhe, senão ordem formal, ao menos a insinuação para que sahisse temporariamente de Inglaterra. Veiu pois para Portugal, procurar a companhia de um proximo parente, o rev. Herberto Hill, a esse tempo estabelecido em Lisboa na qualidade de ministro da egreja anglicana. Aqui se deu por alguns annos ao estudo das linguas portugueza e castelhana, e da litteratura peninsular, em que muito aproveitou; até voltar em 1801 para a sua patria, onde fôra provido no cargo de secretario do Chanceller do Thesouro da Irlanda. As suas aspirações politicas tinham padecido entre tanto uma completa transformação, de sorte que o ardente democrata se convertera em decidido conservador, alistando-se na bandeira do partido *tory*, ao qual permaneceu sempre fiel em todo o resto da vida.

O sr. Visconde de Juromenha, na sua novissima edição das *Obras de Luiz de Camões*, tomo I pagina 288, pretende que Southey residisse por algum tempo entre nós pelos annos de 1811 a 1812. Receiamos, porém, que haja n'estas datas alguma equivocação, pela carencia absoluta que se nos affigura de documentos, que possam comprovala.

Por alheio do intento, omittir-se-ha o muito que haveria para dizer, se tratassemos de dar aqui uma biographia completa do illustre poeta laureado. Referindo-nos unicamente d'entre as suas numerosissimas obras áquellas que teem com as coizas de Portugal mais estreita intimidade, pedem menção especial a sua *Historia do Brasil*, impressa pela primeira vez (1810-1819) em tres volumes de 4.º, geralmente estimada e ha pouco vertida em portuguez e publicada no Brasil a expensas do benemerito livreiro editor o sr. B. L. Garnier em seis bellos volumes de 8.º grande:— A *Memoria ou ensaio sobre a Litteratura portugueza*, por elle inserta no jornal *Quarterly Review* de Londres (Maio de 1809), cuja traducção em portuguez acompanhada de notas pelo academico J. G. C. Muller se imprimiu, segundo crêmos, em

Hamburgo, no mesmo anno: — e outra *Memoria ácerca de Camões*, com *Analyse do Oriente de José Agostinho*, publicada no tomo XXVII do sobredito periodico (n.ºs de abril a julho de 1822); posto que o auctor ahí se mostre assás injusto com o nosso grande epico, ao qual pouco mais concede que a *facilidade de estylo!!*

A livraria de Southey compreendia muitos e valiosos livros portuguezes impressos dos nossos auctores de melhor nota; e alem d'elles uma importante e variada colleção de manuscriptos, relativos á historia civil e litteraria de Portugal, adquiridos á custa de dispendiosa e perseverante curiosidade. Por occasião da venda do seu espolio, realisada em leilão, no mez de maio de 1843, a maior parte d'esses manuscriptos foram comprados para o Museu de Londres, e ahí se conservam eccassiveis entre as innumeradas preciosidades d'este immensissimo deposito. Os titulos e contextos acham-se devidamente mencionados no *Catalogo dos manuscriptos portuguezes do Museu Britannico* escripto e dado á luz em 1854 pelo sr. F. F. de la Figanière.

(Continua)

## PERES LORENZO

(*Scenas da Campanha do Mexico*)

Por PINHEIRO CHAGAS.

### III

A noite, primeiro serena e estrellada, foi-se turvando a pouco e pouco. No ceu, azul escuro, conglobaram-se as nuvens, e as bafagens, precursoras d'esses terriveis furacões dos tropicos, principiaram a affagar a face dos expedicionarios com o seu halito abrazado. O capitão Viarmont, o mesmo que vimos no capitulo antecendente arrancando, uma a uma, dos labios do fleumatico mexicano, respostas que lhe satisfizessem a curiosidade, marchava na testa da columna. Ao seu lado ia Perez Lorenzo, empunhando nas mãos o facho, que allumiava a estrada. O coronel Dupin marchava na retaguarda.

O capitão Viarmont era um rapaz de vinte e quatro annos, que saira das escolas com vinte annos, e as dragonas de alferes, fora logo reunir-se ao exercito de Italia, encontrára as dragonas de tenente nas alturas de Solferino, e viera depois procurar ao Mexico as dragonas de capitão. Jovial, galanteador, aventureiro, desejava servir na contraguerrilha, cujos movimentos quadravam mais á sua indole do que as pausadas manobras do exercito regular. Palrador por natureza, não podia suppor que houvesse no mundo alguem que podesse estar calado dez minutos a fio. Comtudo o aspecto sombrio de Perez Lorenzo involuntariamente gelara-lhe a palavra nos labios, e reprezara-lhe a torrente da elocução. Mas a columna tinha já um quarto de hora de marcha, e Viarmont, depois de ter assobiado todas as arias do seu repertorio, começava seriamente a enfastiar-se. Tirou da algibeira o *porte-cigares*, e, antes de escolher um havano, offereceu charutos ao seu silencioso companheiro.

Viarmont procurára na sua memoria a mais graciosa frase castelhana, de que podesse dispor, para formular o seu offerecimento. Apesar d'isso Perez Lorenzo respondeu apenas com um gesto cortez de recusa.

O capitão soltou um suspiro de enfado, tirou um havano, e, chegando-o ao lume do archote, accendeu-o, e expellio uma baforada de fumo azulado, que se foi esconder entre a copa das arvores.

— Não fuma? insistio o official francez, ainda não descoroçoado de todo.

— Agora não fumo, respondeu Perez Lorenzo.

— Ah! mas costuma fumar, acudio logo Viarmont, ufano por ter obtido uma resposta em tres palavras e seis syllabas, e desejando não perder a occasião, — o contrario espantar-me hia muito, porque n'este paiz um homem, que não fuma, é uma anomalia, uma excepção monstruosa, um phenomeno que os naturalistas logo estudam e classificam. Um homem! que digo? Um ente qualquer, que tenha vida e labios. Fumam as mulheres, fumam as crianças, e parece-me que os recém-nascidos, antes de beberem o leite maternal, accendem o *papelito*. Ah! e é um optimo costume. Nada conheço melhor do que o charuto para alliviar maguas, desterrar saudades, e transportar no azulado regaço do seu fumo os nossos devaneios para o céu a que elles aspiram. Houve poetas que cantaram o café e o chocolate; ainda não houve um só que se lembrasse de entoar os louvores do charuto! Ingratidão tremenda que eu, se fosse poeta, havia de remediar. Não; engano-me; se fosse poeta, cantava antes a cigarrilha, a cigarrilha que eu, logo que desembarquei em Vera-Cruz, vi apertada pelos mais formosos e vermelhos labios, que jámais produziu a terra dos amores e das romanzeiras. Dizem-me que a sua esposa é uma gentil senhora, meu caro amigo; ia apostar em como adora a cigarrilha.

Ao ouvir a palavra — esposa — Perez Lorenzo parou, como se uma dôr aguda o houvesse traspasado. Scintillou-lhe nos olhos um relampago de raiva, e a mão convulsa apertou a coronha da caçadeira, com embutidos de prata, que levava ao hombro. Depois, como por um esforço violento da vontade, reassumiu o seu aspecto impassivel, e disse fria, mas cortezmente:

— Desculpe-me, senhor, o eu não sustentar uma palestra, que n'outra qualquer occasião me seria muito agradável; motivos poderosos absorvem o meu espirito n'uma preocupação dolorosa.

E, complimentando o joven official, desviou-se d'elle e passou para o outro lado da estrada.

O capitão Viarmont ficou estupefacto.

— Diabos levem o mexicano! murmurou mordendo raivoso a ponta do charuto que tinha na boca, se elle não fosse o nosso guia pedia-lhe uma satisfação. Mas fica descansado que não perdes por esperar.

A atmosphaera ia-se tornando cada vez mais pesada, e o grito do jaguar, o uivo do chacal resoavam no meio do silencio agoireiro da floresta.

Afinal o furacão irrompeu no espaço arrastando no redemoinho folhas e ramos de arvores. A columna parou, sem receber para isso ordem, mas como se uma só vontade animasse todos os soldados. Comtudo por entre o espantoso rugir da tempestade ouvia-se vagamente a voz do coronel Dupin: «*En avant! En avant!*» Os officiaes repetiram a voz de commando, e a pequena columna tornou-se a pôr em marcha atravez de innumeradas dificuldades.

Para cumulo de desventuras, principiavam os contra-guerrilhas n'esse momento a subir uma ladeira escarpada, verdadeiro caminho de cabras, onde a cavallaria teve de se apeiar e de levar á mão os cavallos, que, assustados com o vento, cegos com os relampagos, que fusilavam por todos os lados, e pareciam envolver o horisonte n'um cinto de fogo, recusavam galgar a ladeira. Os soldados afferravam-se a tudo o que se lhes deparava, para assim facilitarem a subida, mas as plantas espinhosas, que orlavam a estrada, rasgavam-lhes as mãos e ensanguentavam-n'as. Todos procuravam mais ou menos resguardar-se com as capas, e praguejavam, blasfemavam contra os guerrilhas, e contra o clima do Mexico. Só Perez Lorenzo, tranquillo e silencioso, caminhava como se possuísse um talisman que o resguardasse da furia do vendaval. Da capa servia-se unicamente para abrigar o facho, cuja chamma ondeava, louca pelas excitações do vento, e ameaçava a cada instante extinguir-se. De vez em quando Perez Lorenzo agitava o archote no ar, derramando por essa fórma um jorro de vivissima luz na estrada, e semeando ao mesmo tempo emtorno de si uma nuvem de centelhas, que parecia uma constellação fluctuando na nossa atmospherá.

Visto assim ao fulgor avermelhado d'essa luz vacillante, ou ao clarão sinistro dos relampagos, o vulto d'esse homem, altivo e tranquillo, assumia um aspecto verdadeiramente maravilhoso. Um bretão e dois hespanhoes, que faziam parte da columna, decidiram no intimo da sua consciencia que o mexicano não podia ser senão o demonio em pessoa, e agoiraram por esse motivo um triste fim á expedição.

Um dos hespanhoes chegou até a projectar livrar-se a si e aos seus companheiros da presença do inimigo do genero humano. Approximou-se d'elle o mais que pôde, e berrou-lhe quasi ao ouvido: «Jesus!» Coisa notavel! Perez Lorenzo não estoirou, nem sequer largou cheiro a enxofre!

A trovoadá e ao vento succedeu a chuva, um verdadeiro diluvio. Torrentes de agua desabaram em cima dos pobres expedicionarios, e apagaram ao mesmo tempo o facho de Perez Lorenzo. Ficou tudo immerso na mais profunda escuridão.

—Bom foi isto, murmurou Perez Lorenzo para junto do qual se chegára o coronel Dupin. Todas as precauções são poucas; a luz do archote podia denunciar-nos.

—Então estamos proximos do covil? perguntou o coronel.

—Ouve aqui do nosso lado direito o estrondo

de uma torrente? É a voz do arroio de Canas, que vae engrossado com as chuvas. As choupanas, onde elles se reuniram, ficam a dois passos.

Ouvindo isto, o coronel Dupin mandou fazer alto á columna, para reformar as fileiras. Depois, sempre com voz mansissima, ordenou á infantaria que avançasse de modo, que envolvesse as choças. Deu o commando d'essa força ao capitão Viarmont. Elle, com os trinta cavallos, ia formar um cordão concentrico ao da infantaria para impedir a fuga dos guerrilhas, e perseguir os que pudessem escapar-se.

A infantaria avançou sem fazer o mais leve ruido. Tudo era silencio nas choupanas; não havia nem uma luz lá dentro, nem uma sentinella cá fora. Perez Lorenzo dava signaes visiveis de inquietação.

Afinal, á voz do capitão Viarmont, os soldados que tinham envolvido os ranchos, precipitaram-se sobre as casas, e entraram, arrombando portas e janellas com simples coronhadas. Ia na frente Perez Lorenzo.

(Continua)

### SAUDAÇÃO Á AURORA

Versos latino-portuguezes, que podem ser lidos simultaneamente em qualquer das duas linguas, seguindo rigorosamente a syntaxe da primeira.

Pelosr. dr. Antonio de Castro Lopes, do Rio de Janeiro.

Salve, Aurora! Eia, refulge,  
Eia, anima valles, montes:  
Hymnos canta, oh philomela,  
Hymnos vós, aves insontes!

Quam pura, quam pudibunda  
Es tu, Aurora formosa!  
Diffunde odores suaves,  
Divina, purpurea rosa!

Eia, surge, vivifica  
Pendentes ramos, Aurora:  
Aureos fulgores emitte,  
Pallidas messes colora!

Matutina aura, mitiga  
Solares, nimios ardores;  
Inspira gratos Favonios,  
Euros, Zephyros protectores.

Eóa, Tithonia Diva,  
Fecundos campos decora,  
Canoras aves excita,  
Oh serena, bella Aurora!

Protege placidos somnos,  
Inquietas mentes tempera,  
Duras procellas dissipa,  
Terras, flores refrigera.

Lucidas portas expande,  
Oh sol, oh divina fiamma!  
Extingue umbrosos vapores,  
Tristes animos inflamma!

Salve, Aurora! Eia, refulge,  
Eia, anima valles, montes;  
Hymnos canta, oh philomela,  
Hymnos vós, aves insontes!